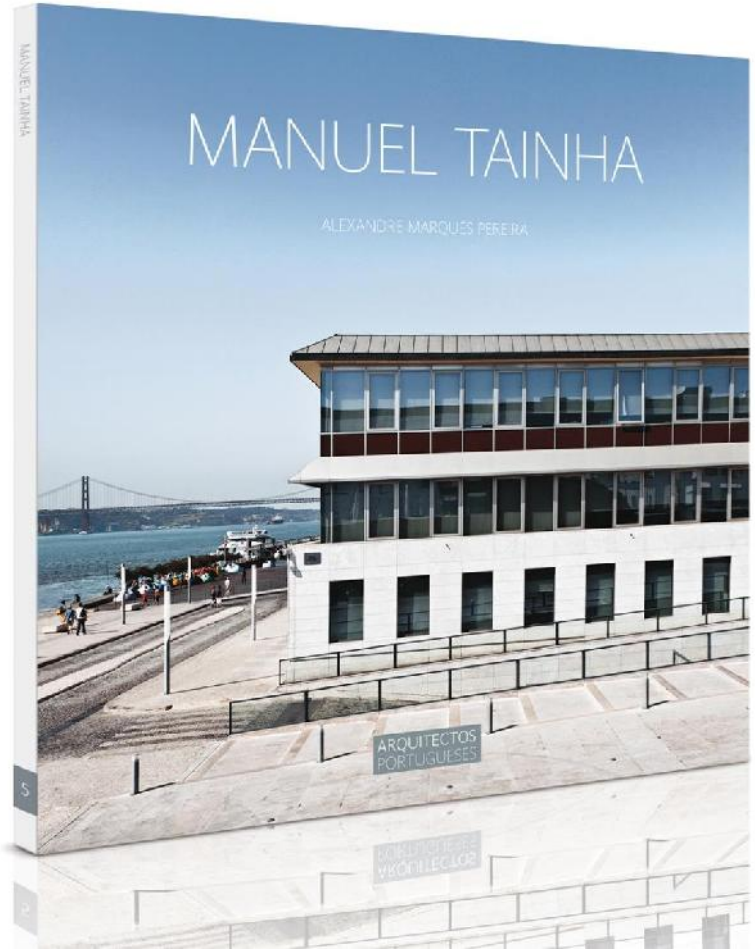
ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO DAMÁSIO
MANUEL TAINHA
Arq. Alexandre Marques Pereira
Arq. Bartolomeu Costa Cabral
Fotografo Pedro Ferreira
Fotografo António Tainha
28 Março
AUDITÓRIO
10.00
WWW.ESAD.EDU.PT


MANUEL TAINHA
ALEXANDRE MARQUES PEREIRA
ARQUITECTOS PORTUGUESES

# MANUEL TAINHA, O TEMPO E A OBRA

*Por isso é que eu só ousei escrever uma vez, sem ir preso, que a teoria, a crítica, a história, fazemo-las nós, todos os dias, na ponta do lápis.*
*Assim vou alimentando a ilusão de que escapo à duplicidade civilizada que opõe o teórico ao prático, o significado dos nossos actos à singularidade irrepetível da sua existência, reduzindo a fissura entre o mundo da vida e o mundo da cultura.*
*Não paro de fazer para dar lugar à reflexão, nem a reflexão vai de férias quando faço arquitectura.*

Manuel Tainha, Dezembro de 1993

Como tantos outros, Manuel Tainha foi para Arquitectura, não por uma qualquer vocação específica ou relações de família, mas pelo apelo do desenho. Ao longo do ano lectivo, o aluno mediano, ou mesmo medíocre (como já o próprio avisara de si mesmo), entre Rio de Moros onde nascera em 1929 e o Liceu Passos Manuel em Lisboa, onde frequentou e completou o ensino secundário, que foi crescendo sem grandes angustias, entre a família, os amigos, a praia, o Tejo, o desporto, o violino e, claro, o gosto por um modo de ser e pelo desenho.

Desde da sua vida que fez muita coisa, mas em todo o caso fuso, sempre demonstrou seu tempo e muito do que fez como, ou não, diferente, porventura nem sempre assim foi, mas enquanto arquitecto, acabou o curso na ESBAL, no velho convento de S. Francisco ao Chiado, no ano de 1950, já com 28 anos, pelo que o perdeu (ou talvez não) dos outros colegas, entre o serviço militar em Tomar e outras viagens para além da academia.

Foi nos tempos de formação de Manuel Tainha, na década de 40 do século passado, que Manuel Tainha tomou consciência da "Portugal do então". Enquanto a Europa e o Mundo atravessavam uma terrível Guerra, com a Alemanha e Nova Iorque, por sinal, em 1940 em Belém, o Estado Novo organizava uma gigantesca cooperação de propaganda, com a ajuda de grande parte dos intelectuais, artistas e arquitectos de então. Foi a "Exposição do Mundo Português", uma visão do Mundo, em contra mão com os caminhos da história.

Em 1941 realizava-se também em Lisboa uma grande mostra de Arquitectura de inspiração Nazi, chamada *Nova Arquitectura Alemã* e "Moderna Arquitectura Alemã", organizada pela Inspecção Geral de Belas Artes, do Reich, Albert Speer, à altura a mais visitada exposição em Portugal, com mais de com mil visitantes. Na inauguração desta exposição Speer esteve em Lisboa, onde foi recebido por Duarte Pacheco então Ministro das Obras Públicas e foi acompanhado pelo arquitecto Raul Lino. Salazar não esteve na inauguração mas, mais tarde visitou demoradamente a exposição.

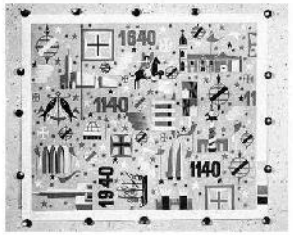
Assim era Lisboa e Portugal, quando Manuel Tainha entrou para o Convento de S. Francisco ao Chiado para estudar Arquitectura, onde encontrou uma outra realidade.

A arquitectura representava a imagem da sociedade portuguesa de então, fazia-se sentir em particular na Escola de Belas Artes de Lisboa, na defesa e prática de um generalizado ensino retrógrado e conservador, pela mão de ferro do reitor da ESBAL, o arquitecto Luís Alexandre Cunha, cuja doença era adversa a qualquer mudança e modernidade. Como fiel caso do seu professor, o arquitecto Cristóvão da Silva, então um dos mais académicos defensores da Arquitectura oficial do regime, o mesmo que uma década antes tinha sido um dos primeiros arquitectos modernos portugueses. Talvez pelas suas contradições, Manuel e Tandu e Cristóvão da Silva, sempre tiveram uma relação complicada e algo conflituosa.

A outra realidade muito mais escondida, era esse ao desejo de mudar essa atmosfera retrógrada da doutrina vigente, tentando trazer de alguma forma os ventos de mudança. Tal era o sentir geral da grande parte dos seus colegas de curso, como Nuno Teotónio Pereira, José Rafael Botelho, ou Álvaro de Meneses, ou entre outros arquitectos, intelectuais e artistas da mesma geração, a quem costumava saudosamente

"Exposição do Mundo Português" 1940
©Mário Novais – Colecção Fundação Calouste Gulbenkian

Exposição do Mundo Português, 1940
©Mário Novais – Colecção Fundação Calouste Gulbenkian



Exposição "Moderna Arquitectura Alemã" 1941
©Arquivo SNBP

Jantar de curso Manuel Tainha anos 70
©Espólio Manuel Tainha

ne Cerveira Vieira Pallu, Sá Nogueira, Senna da Silva, Cardoso Pires ou Alexandre O'Neill.

Tendo sido nesse entorno, naturalmente e assumindo-se as suas características electivas, que Manuel Tainha formou a base da sua estrutura de pensamento, centro e fonte do universo da Arquitectura. Ainda enquanto estudante e em paralelo reações como o dos arquitectos, que mais tarde formariam esse senso de mudança, Mestre Carlos Ramos e Francisco Keil do Amaral se assumiu, ainda como estudante que participou no primeiro congresso dos arquitectos em Lisboa no ano de 1948, o chamado congresso da renovação da Arquitectura portuguesa. Onde é desenhada a fórmula do desígnio de Estado Novo, dando lugar a uma nova entrada do moderno no mundo da Arquitectura, agora diferente e de um modo mais arquitectónico, daquela que tinha acontecido em Portugal na década de 20 e na década de 30.

Quando Manuel Tainha se diplomou em Arquitectura em 1950, fez o seu estágio na Câmara Municipal de Lisboa e de 1954, sobre a orientação do arquitecto Porfírio da Costa Cabral, durante esse período de cerca de quatro anos fez vários projectos, mais poucos saíram do papel, elaborou um

1º Congresso Nacional de Arquitectura, 1948

Bloco das Águas Livres, 1953
(Arquitectos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral)

Piscinas da Tamariz, 1960 (Postal)
©Espólio Manuel Tainha

pequeno olhar para a zona das Amoreiras, que serviu para a de implantação do Bloco das Águas Livres, da autoria dos seus colegas e amigos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral, do restantes projectos de então, praticamente só um escalou, por se realizar, que foi a escadaria de acesso à escola 79, no Tourel.

Em 1954, consciente e desmotivado com a sua passagem pela Câmara Municipal de Lisboa, abre o seu atelier e logo nesse mesmo ano consegue o seu primeiro trabalho, as Piscinas do Tamariz no Estoril, uma construção de 1933, sobre um que ganhou a primeira concorrência pública, a Fonte da de S. Bárbara em Oliveira do Hospital.

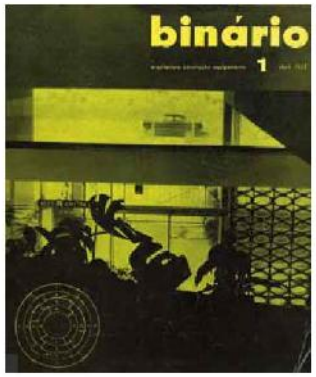
Entre a sua formação como arquitecto e as várias de estágiário, fez algumas viagens que serão fulcrais para toda a sua vida como arquitecto.

Primeiro vai sozinho até à Alemanha, chegando a ir à Dinamarca. Nesta sua primeira viagem é confrontado com uma outra realidade, encontrando um país a tentar recomporse da terrível destruição da recente Grande Guerra, uma realidade em que o comum cidadão, sofre das amarguras dum destino alheio à sua vontade, resultado das prepotências dos senhores da guerra, vencidos e vencedores, qual "Outono Alemão" descrito pelo jornalista suíço Sig Degerman, a guerra por essa época.

Em fim nessa viagem também descobre o genio alemão, no Sul nas obras de Balthasar Neumann, descobre também toda uma outra Cultura mais vasta, a que se tornará em um dos seus pensamentos daí em diante.

Poucos anos depois, agora com o seu colega e amigo António Pinto Freitas, faz a viagem clássica de qualquer arquiteto, ou amante das artes. A sua "Viagem a Itália", na qual ao contrário da viagem à Alemanha, ignorando por completo estas novas paragens mais a sul, vai no período de evolução da sua cultura como resultado de uma imagem familiar. Em fim que se encontra finalmente com Bruneleschi em Florença no Palácio Pitti e na Capela dos Pazzi, com Giotto em Pádua, ou em Roma com o Panteão de Agrippa, e com o Miguel Ângelo do Campidoglio.

Também na década de 50, revela-se como pensador e divulgador do exercício e da prática da Arquitectura, logo a partir de 1952 na revista *Arquitectura*, destacando-se pelo facto de ter sido, quem pela primeira vez em Portugal traduziu e publicou, o texto de Alvar Aalto de 1948 *A Forma e a Carne*, ou também pelas 10 edições da revista de Arquitectura *Binário* a partir de 1958, da qual foi fundador com o seu irmão engenheiro José Tainha.




Revista Binário nº 1, Abril 1958



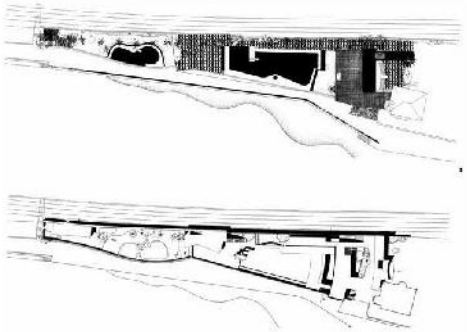
Porto, cidade aberta, 1945 (Disserte Porto 2010)

Mas como o próprio diz a, foi antes de tudo um prático. Deste modo a aventura só deste modo, enquanto prática de um certo ofício, devidamente enquadrado no tempo e espaço, numa visão cultural humanística dessa prática, sempre com um olhar particular e crítico, sobre aes toda a arte, sábias palavras lera a sua obra, os seus pensamentos e escritos, até a sua actividade associativa, passando mais tarde pelo ensino e a aprendizagem.

Nesse tempo algures entre finais da década de 1940, e a década de 60 do século XX, Manuel Tainha um pouco como outras da sua geração, constrói a base da sua formação cultural, social e política, muito por fora das visões e leituras, aventuras mais académicas do sensorial do *Espírito do Tempo*, nomeadamente das artes plásticas, da literatura, da filosofia, fundamentalmente o cinema.

Para tal basta lembrar, que estes foram os anos de ouro do cinema europeu, com o cinema italiano, surgindo como neo-realismo das ruínas quanto a, como no início do filme *Obsessão*, de 1943 do então, jovem Luchino Visconti, ou *Roma cidade aberta* filme de 1945, realizado por Roberto Rossellini, *Ladrões de Bicicletas* em 1948 de Vittorio De Sica, ou já no pós-neo-realismo, as inúmeras inovadoras obras primas de finais de 50 e início de 60, de Federico Fellini com *A Estrada* de 1954, *Noites Brancas* de 1957, ou *Fellini 8½* de 1963, ou de Michelangelo Antonioni e a sua notável trilogia com *A Aventura* de 1960, *A Noite* de 1961 e o deslumbrante *Eclipse* de 1962.

Também o cinema sueco com o género de Ingmar Bergman, com os seus horizontes sombrios, uma sociedade completamente coerente e liberta, o qual era até então desconhecido nos países do sul, com filmes



Piscinas das piscinas do Tamariz, 1958
©Espólio Manuel Tainha

Piscinas do Tamariz, 1958
©Manuel Tainha, 1957

Piscinas do Tamariz, 1958
©Manuel Tainha, 1957





Escola Agro-Industrial de Grândola, 1959/62
©Manuel Tainha, 1964

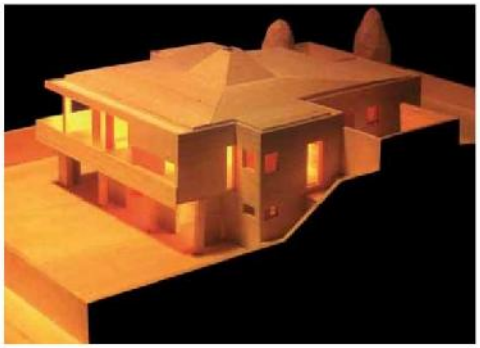
Casa do Freixial, 1959/70
©Manuel Tainha, 1960

como *Mãe d'Água Grande* de 1953, *O Sábado Seguinte* de 1955, *Mãe-d'Água Silvestre* de 1957 ou o sonhável *Pavone* de 1966.

Disse Manuel Tainha ao sublinhar que o papel das vanguardas se tinha esgotado enquanto dogma, algumas nos heróicos anos 20 e 30, daquilo sempre em estado mais próximo dos modernos arquitectos da contemporaneidade, de que as outras da ruptura, são apenas aproximações pontuais e como modernismo de raiz *Bauhaus*, sempre preferiu uma abordagem mais culturalista, próxima dum Camilo de Sá e Melo, de Álvar Aalto, ou de Gunnar Asplund.

Estas um homem e a partir das obras que se seguiram às Piscinas do Tamariz, podemos entendê-lo como o seu tempo e a seu tempo, a construção de um caminho para o que pensou, desenhou e fez, não só nas ferramentas do efeito desse fazer, mas também nos discursos referenciais.

No ano de 1958, no seu alguns projectos, em Grândola a Escola Agro-Industrial, a Casa do Freixial, a Casa Aboboleira em Oeiras, em 1960 o



Maquete da Casa Viana, 1960
©Espólio Manuel Tainha

projecto da Casa Viana no Restelo em Lisboa e bairro de Évora, a sua segunda encomenda pública, a escola dos Regentes Agrícolas.
Estes projectos serão todos construídos num curto espaço de tempo, com excepção da Casa Viana no Restelo, cujo projecto foi chumbado por uma Comissão de Arte e Arqueologia presidida por Raul Lino, existente há altura na Câmara de Lisboa. Esta comissão chumbou o projecto de Manuel Tainha argumentando que a mesma casa era feia e não estava à altura do sítio.
Nestas obras de finais de 50 e início de 60, está já a base das suas ideias e princípios arquitectónicos. Podemos nestes projectos e obras, entender também algumas das suas questões recorrentes, como alguém que entende que o arquitecto faz a sua teoria na ponta do lápis e em cada projecto, como o próprio Manuel Tainha muitas vezes disse e escreveu.
Se em termos da sistematização em planta, podemos ver um modo particular e extremamente eficaz, de resolver as questões funcionais e respostas às diversas exigências programáticas. No entanto é nos

Escola dos Regentes Agrícolas de Évora, 1960

©Manuel Tainha, 1964

Estádio Cabral da Gulbenkian, 1961 (arquitecto Januário Godinho em co-autoria com o arquitecto João Andresen)
©Colecção Calouste Gulbenkian

Aeroporto de Lisboa, 1942 (arquitecto Keil do Amaral)
©Mário Novais – Colecção Calouste Gulbenkian

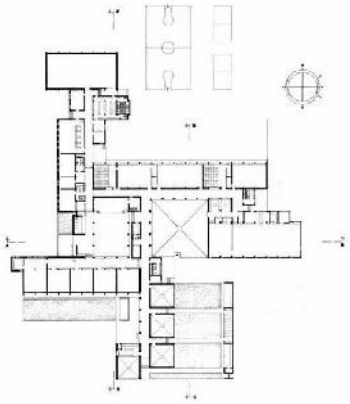
cortes e secções, que são trabalhadas até aos limites do rigor, que são apuradas as diversas possibilidades de combinar a luz e a sombra, a relação entre as formas e a sua construção, dos diversos e dos enredos com todas as diferentes gradações possíveis, entre os espaços interiores e os espaços exteriores. Assim como esse, que será desde sempre um dos objectivos da Arquitectura mais difíceis de alcançar, o chegar sempre que possível à escala certa e assertiva, seja nos desenhos de detalhe, seja no desenho de um qualquer espaço interior, seja nos espaços exteriores, ou nos mais dos espaços de fronteira.
Manuel Tainha pertenceu a um grupo alargado de jovens arquitectos do sul da Europa, que fazem o seu caminho em continuidade com muitas das ideias da chamada segunda geração do modernistas, seja em Portugal com Januário Godinho ou Keil do Amaral, seja em Espanha com Cordech ou Sáenz de Oiza, ou em Itália com Ignácio Gardella, Mário Ridolfi ou Franco Albini. Estes entre outros, que a partir de meados da década de 1940 e na década de 50, procuraram encontrar esses novos modos de ser moderno, não referenciar-se não só dentro da história do Movimento Moderno, mas também e sobretudo a um outro sentido de identidade, presente na cultura popular e nas diversas arquitecturas vernaculares.
E foi assim que entre 1955 e 1957 surgiu a ideia e se concretizou o "Inquérito à Arquitectura Popular", iniciativa que teve como patrono o arquitecto Keil do Amaral e foi levada por diante com a participação de vários jovens arquitectos portugueses de então do norte e do sul, dentro dos quais Manuel Tainha esteve desde o seu início.

O impacto e as possibilidades que o Inquérito abriu para a prática da nova Arquitectura moderna em Portugal, foram imensas. Se por finais de 40 e inícios de 50, foi a moderna Arquitectura Brasileira que mais influência teve entre os modernos Portugueses, como uma qualquer alternativa ao clássico arquitectónico proposto do Estado Novo, a partir do Inquérito abriu-se uma nova forma de contaminação arquitectónica, para encontrar os novos caminhos possíveis da moderna Arquitectura portuguesa, agora que estavam em causa não só os cânones do Estado Novo, mas também certos dogmas da modernidade.

Entre os meados dos tempos de revisão e reacção ao panorama e curso da Arquitectura em Portugal e na Europa, que se enquadram nas principais obras de Manuel Tainha nas décadas de 50 e 60, a Casa do Freixial, a Escola Agro-Industrial de Grândola, a Escola dos Regentes Agrícolas de Évora e a Pousada de Santa Barbara em Oliveira de Azeméis, esta a ser abandonada no início da década seguinte em 1971.

Assim nestas obras, além de se sentir a influência do *inquérito*, sentimos também uma visão já com amadurecimento, das possíveis contaminações entre os já referidos primeiros arquitectos modernos da segunda geração, como Alberto de Sá e Melo e certas figuras de charneira do Movimento Moderno do centro e norte da Europa, como Aalto, Ito e Alvar Aalto, entre outros, a partir de uma leitura crítica das suas arquitecturas do passado, mais ou menos eruditas, como a vernacular ou a convencional, com as suas diversas tipologias, como a casa do pátio, ou de claustro, ideias e memórias vividas de outros tempos e de outros lugares.

Durante toda a década de 50, Manuel Tainha trabalhou em números projectos de natureza, em escala, programas e estilos bem diferentes.

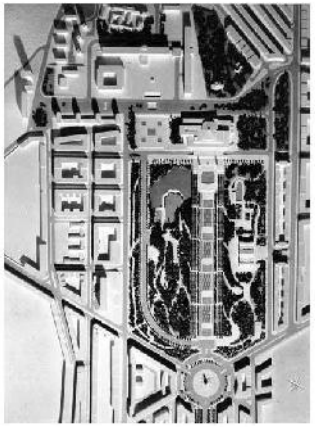


Planta da Escola Agro-Industrial de Grândola, 1956/62





Esboço da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, 1965
© Manuel Tainha



Edifício do Núcleo de Alvalade – Ala do Parque Escolar VII, 1959/61 (arquitectos: Manuel Tainha, Keil do Amaral, Thomas Pamplona e Carlos Manuel Ramos)
© Espólio Manuel Tainha

Pousada de Santa Barbara, Oliveira de Azeméis, 1956/67
© Espólio Manuel Tainha

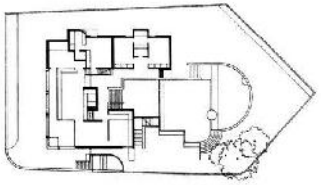
Dois desses projectos que eram de grande escala, nunca passaram do papel, seja o centro de congressos no alto do Parque Eduardo VII, baptizado como Palácio da Cidade, projecto que decorreu em 1961 e 62 e foi coordenado por Keil do Amaral e executado em parceria com o seu colega de curso Carlos Manuel Ramos e Cláudio Ramalho, como o projecto para a Escola Superior de Belas Artes em 1963, no Campus Universitário na Campo Grande, trabalho coordenado pelo Mestre Carlos Ramos e feito em parceria com o seu colega e amigo Bartolomeu Cassiano Cabral.

Foi também nesta década que Manuel Tainha começou sua prática na Arquitectura com as obras, a construir duas escolas nos Olivais Sul, sendo também nos Olivais que, por essa altura, projecta e constrói os seus

Manuel Tainha, Jardim Infantil da Pampulha, 1970
© Espólio Manuel Tainha







Planta da Casa Torres Novas, 1969

primeiros conjuntos habitacionais, sendo o mais conhecido um conjunto de três torres pintadas de vermelho sangue de boi.

A década de 70, para Manuel Tainha então com 50 anos de idade e 20 como arquitecto, chegou em plena maturidade profissional, sendo como não para muitos outros arquitectos centro e Grande Portugal, um tempo de transformação e de mudança, mais ou menos assumidas por vontade própria, mais ou menos induzidas por um Mundo em profunda transformação.

Um tempo, no caso de Manuel Tainha em que poderemos ler tanto a confirmação de um caminho de pesquisa nas questões da escola e da linguagem, como a procura de novos rumos para então impossíveis no pensar e no fazer.

Se nos edifícios de pequena escala, Manuel Tainha domina na sua prática e nos sucessivos ensaios em casas de veraneio, um maior cuidado e refinamento na relação dos espaços interiores, sua construção e relação com os exteriores, como se pode comprovar nas três casas construídas na primeira metade da década, a Casa Gallo, a Casa Santos e a Casa Sousa de Carvalho em Torres Novas. Já nos projectos de média escala, esses tempos de maturação e reflexão prática, espelharam-se em projectos ou obras, de algum estranhamento formal. Nessa procura de um caminho como arquitecto em alguma continuidade com o modernismo, Manuel Tainha só nas meadas da década de 80, vai de novo reencontrar um outro caminho refrescado.

Se a revolução de Abril de 74, teve o mérito de um profundo desejo de mudança, não só da sociedade Portuguesa em geral, mas também de grande parte dos arquitectos portugueses de sul a norte. Sem ilusões para Manuel Tainha esses tempos representaram da fase uma nova

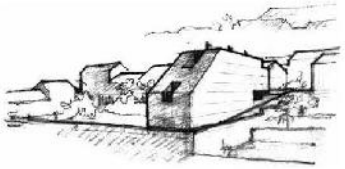
Fase do seu percurso como arquitecto, agora posta em prática de um modo profundamente diverso, pois só a partir de então e por razões políticas, mas sobretudo em 1976 pode começar a lecionar Projecto na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Sendo a partir de então e praticamente ininterruptamente, um dos mais admirados professores de projecto, das várias escolas de arquitectura portuguesas, públicas e privadas.

Tornou-se em 76, mais que os projetos de habitação integrados no processo SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local), dos projectos como o do Alentejo em Cifundão, um construído em Setúbal em Finais do Sado e um outro projectado não construído em Lisboa, a CHF Vila Fernandes perto de S. Bento.

A sua passagem pelo processo SAAL, como de um termos de seu percurso como arquitecto com um tempo de pouca construção em Portugal, assim como um momento em que as arquitectas um pouco por todo o mundo e, de várias modos questionavam novamente os caminhos da própria Arquitectura moderna. Estes dois específicos processos de procura, começaram em meados da década de 60, assumindo nos anos 70 alguns contornos de ruptura e fazer Arquitectura, uma mais ligada dos com o Moderno, outros mais abertos a outras influências e referências da cultura arquitectónica.

Foi o tempo da Tendenza em Itália, com o novo racionalismo de Aldo Rossi e Giorgio Grassi, ou do chamado regionalismo crítico de origens diversas, a que muitos chamaram Pós-modernismo e, que nos Estados Unidos foi propagandizado por Robert Venturi, outros arquitectos da costa Oeste, Richard Meier, Charles Moore, e William



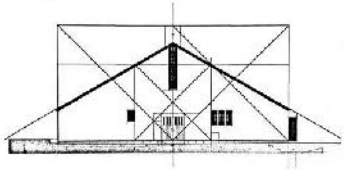


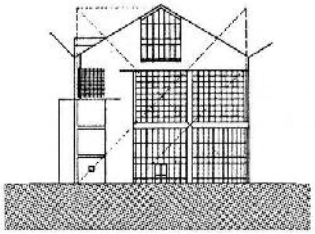
Escola CHF Vila Fernandes, 1976 (Operação Sá)



Casa do Chá do Tito de Arecho, 1975/76
©Espólio Manuel Tainha

Alçado Sul da Casa do Chá, 1982





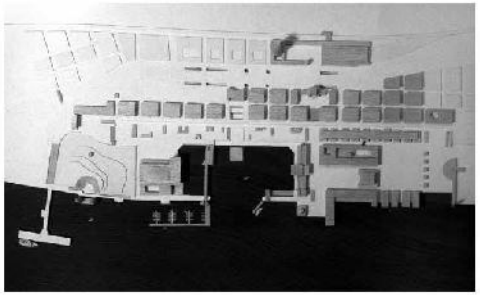
Alçado da Agência da Caixa Geral de Depósitos, Albufeira, 1985

Turnbull, que em 1965 projectaram e construíram o Condominium Gregory Sea Ranch, em Sonoma na Califórnia.

Tanto Rossi, como Grassi, ou os citados arquitectos americanos foram buscar de novo às arquitecturas vernaculares e clássicas, algo de novo para cultivar os caminhos da Arquitectura moderna, embora de modos bem diferenciados.

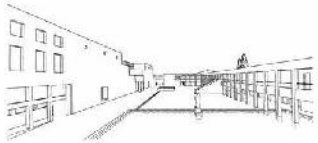
Assim num primeiro momento, foi com duvidas e o último movimento de reequacionar a Arquitectura moderna, a via americana, que se sente em muitos dos projectos de Manuel Tainha desse período, nomeadamente no projecto para a conclusão da casa de chá no Porto do Arecho, em 1976, o projecto para o SAAL, a CHF Vila Fernandes, de 1976 e 1981, o projecto da Casa do Benzão para o seu irmão João Tainha em 1980, ou o projecto também não realizado para a Agência da Caixa Geral de Depósitos em Albufeira de 1985, entre muitos dos seus projectos não construídos algures entre 1975 e 1985.

A década de 80, mais precisamente a segunda metade é em Portugal um tempo de reforma económica, um tempo em que se assiste a um



Planta da Expo'98, 1998

Concurso Centro Cultural de Belém, 1988
©Perspectiva, Planta e alçados

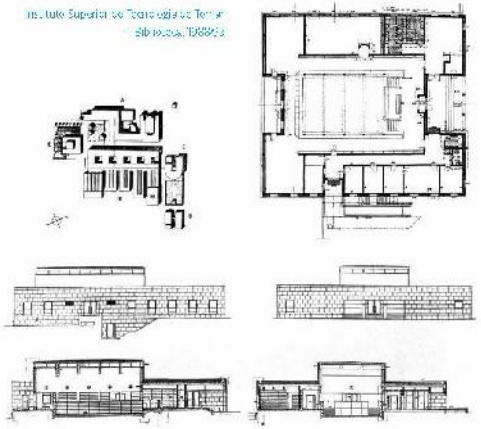


Se a vontade crescente de encomenda pública, previsível que tivera os primeiros dias de abril do ano pós 25 de Abril, tempo esse que levou o seu ponto com a Expo'98. Acompanhando este contexto, Manuel Tainha agora com mais de sessenta anos, passados os interesses que vinham detrás, encontrou de facto um modo de refrescar a prática do seu trabalho e do seu atelier, então na Rua Virtudes.

Dos projectos não-construídos decisivamente este novo fogo na sua produção encontra-se arquitectónico, o projecto da Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação na Cidade Universitária em Lisboa, projecto de 1987 construído em 1990 e o projecto para o Concurso para o Centro Cultural de Belém em 1988, projecto este que ficou em 3º lugar no concurso internacional. Dois com projecto de cada um no seu modo, têm em comum o facto desde último ter sido o fio do seu longo percurso como arquitecto da cidade e na obra da Faculdade de Psicologia e no projecto para o CCB, agora não mais escala, Manuel Tainha produz uma outra síntese do moderno, agora numa abordagem próxima do universo clássico e depurado desse mesmo, retomando os seus assuntos preferidos de sempre, como a relação entre o exterior e o interior, os pátios, os muros, os enquadramentos, a luz e a sombra, a regra e a excepção, o último e a construção. Assume

Maquete para o concurso
da Câmara Municipal de Sesimbra, 1990/91
©Espólio Manuel Tainha

Instituto Superior de Tecnologia de Tomar
Fotografia, 1998/99



Maquete da Expo'98, Sevilha, 1990/91
©Espólio Manuel Tainha

que o tempo e a sua novidade fosse, sem dúvida, encontro da combinação entre as referências dentro do movimento moderno, as memórias e uma geração a partir de outras referências de outras arquitecturas.

Assim foi com o Instituto Superior de Tecnologia de Tomar, projecto de 1988 concluído em 1999, com o projecto de 1990 vencedor do concurso para o Tribunal da Câmara Municipal de Sesimbra, projecto não construído, o Pavilhão de Portugal para a Expo'92 de Sevilha, projecto seleccionado para a 2ª Fase do Concurso Público, o Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade de Coimbra, projecto e obra entre 1990 e 96, a Biblioteca Municipal de Viseu, projecto de 1994 e construída em 2001, a Ponte Vasco da Gama na Expo'98 em Lisboa, projecto de 1995 e construída em 1998, outra vez também com o projecto de 2000 para o Mercado Vivo em Lisboa, que não foi subvencionado e não concretizado em 2001 pelo então

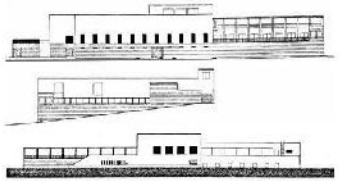
Manuel Tainha no atelier da Rua da Agência

ores diante da Câmara, pelas mesmas razões apontadas 40 anos antes pela tal "Comissão Estética" dirigida por Raul Lino, em relação à Casa Vianna no Restelo: razões de gosto de quem não entende o mundo, para lembrar o seu decorrente curricular.

Nestes diversos projectos e obras, como em outros tantos executados nestas últimas décadas, em que a obra de Manuel Tainha teve um maior reconhecimento dentro e fora do país, podemos sentir um modo de pensar, desenhar e construir um qualquer facto arquitectónico, ou urbano, sempre à procura de entendimento do lugar na medida da sua relação com as necessidades do homem, sem nunca ceder a qualquer tentação formalista, ou procura de uma imagem corrente, convertura sedutora, mas perante a sua capacidade de resistir à prova do tempo e das suas memórias futuras.

Qual testemunho final da coerência, densidade e assertividade do seu fazer, no lugar e tempo próprio, restituindo à tentação contemporânea "novos caminhos" da Arquitectura, que de tempos a tempos vão surgindo,

Biblioteca Municipal de Viseu, 1991/2001



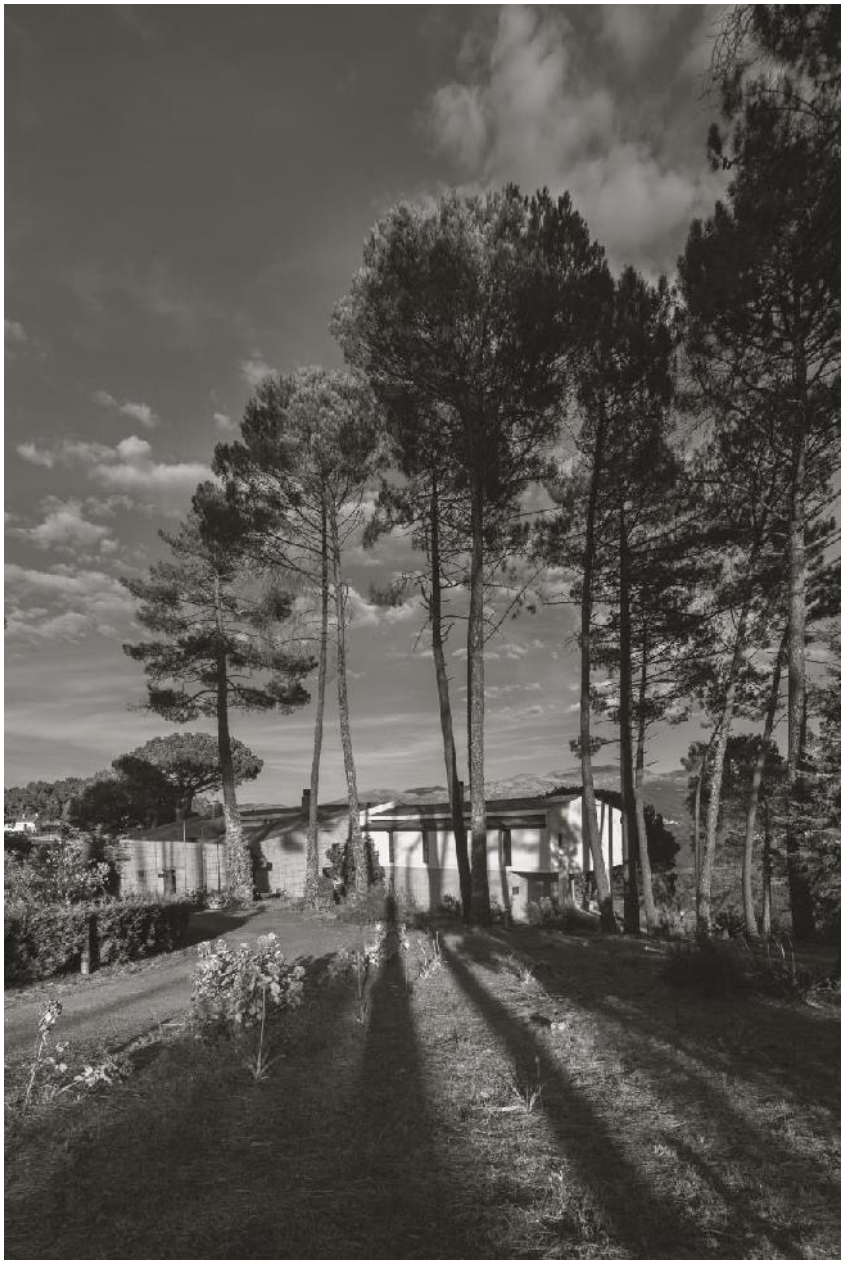
Porto Norte – Expo'98, 1996/98
©Fotografia AVP

Martim Marques – Av. Jovem, 2000/2001
(Fotomontagem)

em q. e ilustrações de um conceito, muitas das vezes importado de outras naturezas, se sobrepõem ao saber fazer, dentro da própria natureza do lado arquitectónico, gerando quase sempre um choque e cedo se esgotam nos seus enredos.

É pois assim no rovelo deste sonho que, cada vez mais e mais, podemos ler e reler, usar e servir, como Manuel Tainha, qual *Pedrinho que adivinha* Latim, de Raul Lino, a marca do seu pensamento e da sua arte, à beira do rio chamado Tejo, mas, a uma obra, o complexo das Agências Europeias no Cais do Sodré, em Lisboa.

# POUSADA DE SANTA BÁRBARA

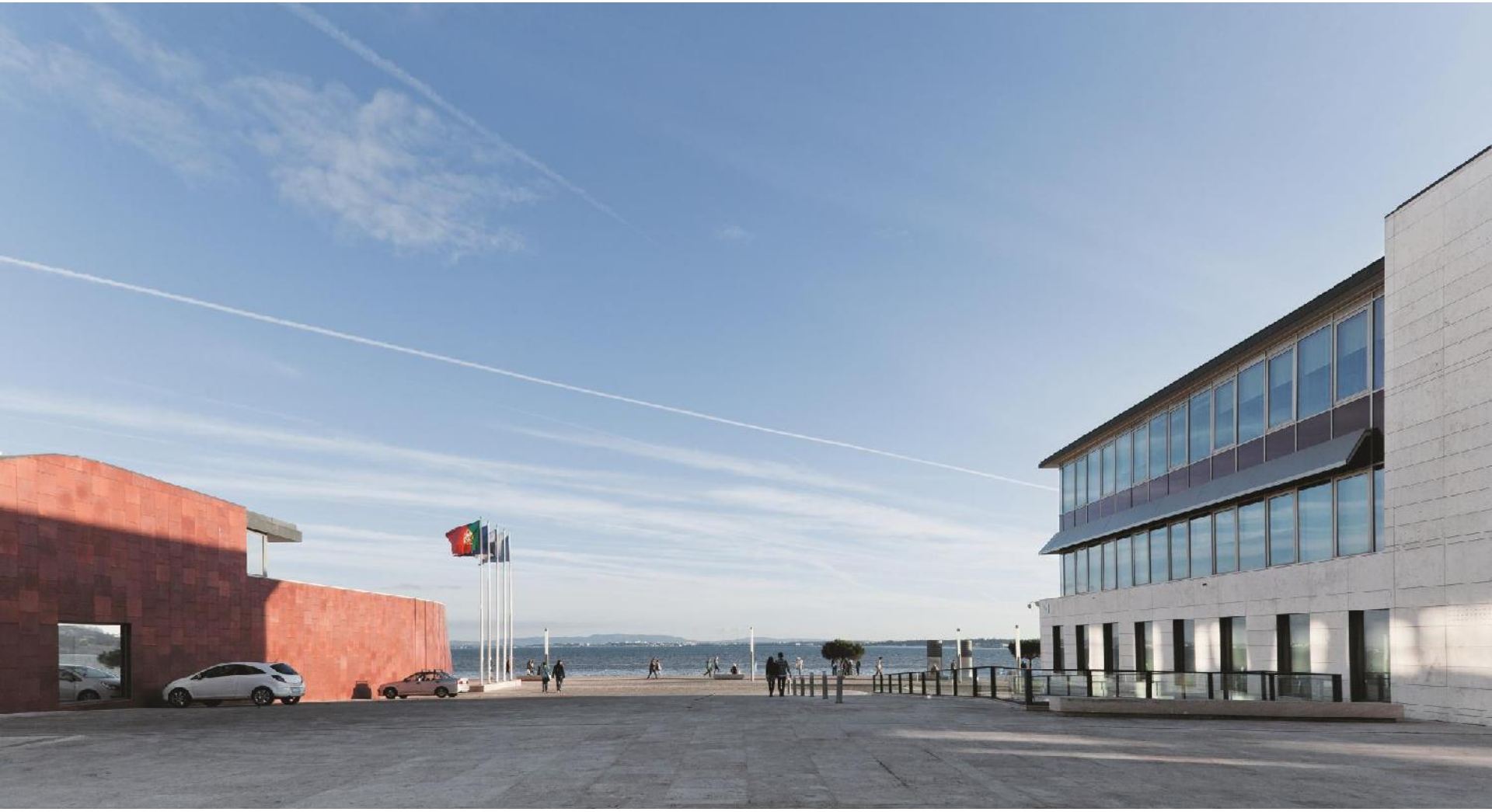
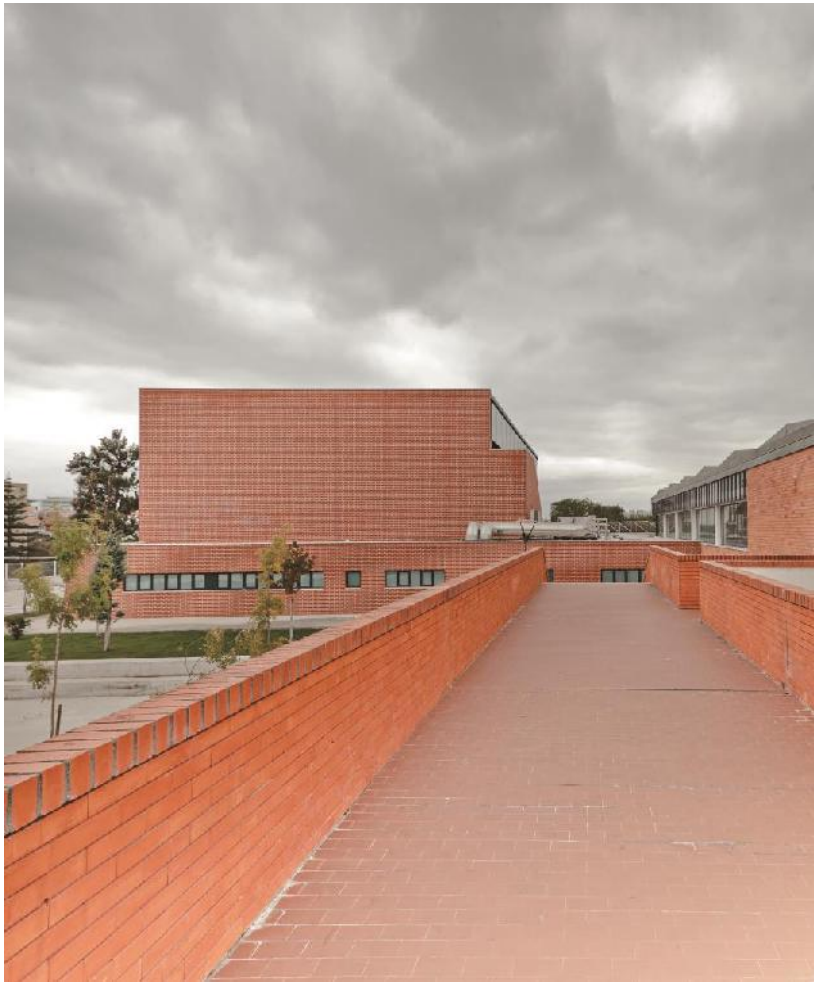


# CASA GALLO

# CASA MARTINS DOS SANTOS

# FACULDADE DE PSICOLOGIA

# COMPLEXO DAS AGÊNCIAS EUROPEIAS



# ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO DAMÁSIO